

Suplemento Cultural

‘Ta-u-nay’ ou ‘Toné’

PAULO CORRÊA DE OLIVEIRA

Vi na televisão campo-grandense, há alguns dias atrás, uma reportagem feita na aldeia indígena de Taunay. O condutor do programa referia-se frequentemente ao local chamando-o de “Ta-u-nay”.

O grande escritor Alfredo Maria Adriano Escragnolle Taunay, o famoso Visconde de Taunay, protagonista da Retirada da Laguna, é homenageado com seu nome neste distrito de Aquidauana. Isso me lembrou a leitura das suas “Memórias”.

Nesse livro, relata Taunay o diálogo que manteve com seu pai para convencê-lo da conveniência de aporuguesar os nomes franceses do seu nome escrevendo Escranhóle (com h em vez de gn e um l só) e Toné (T... o, to; n ...é, né). Alegava a adaptação idêntica que se dera com os nomes Sodré e Loné, derivados de Saudray e Launay, este então absolutamente como o seu, apenas com a diferença da letra inicial.

Seu pai, Félix Emílio Taunay, não con-

cordou e replicou: “trata de impor o teu nome ao país tal qual é!”.

Infelizmente essa “imposição” não funcionou, nem um século depois!

O Visconde de Taunay nasceu no Rio de Janeiro, em 1843, mas descende de uma família ilustre de artistas franceses. Seu avô, Nicolau Antônio Taunay, célebre pintor da Escola Francesa, veio para o Brasil a convite de D. João VI, com a famosa Missão Artística Francesa de 1816. Seu pai, também pintor, foi diretor da Academia das Belas-Artes do Rio de Janeiro.

Daí sua preocupação com o seu tradicional nome francês, pois frequentemente o ouvia deturpado pelos brasileiros.

Numa outra passagem de suas Memórias, ele refere-se a uma observação que conseguiu escutar quando usando vistosa farda, em grande gala, de capitão de 1º Regimento de Artilharia e descia do cupê puxado por cavalos brancos para a abertura do parlamento no Paço do Senado, no Rio de Janeiro: “É o deputado novo de Goiás, o Ta-u-nay”. E

comenta essa observação que se apoiava em todas as letras, desfazendo os ditongos franceses do seu nome.

Como estamos vendo, se naquela época já se fazia confusão com a pronúncia do seu nome, quanto mais agora que a língua francesa foi abolida do ensino do segundo grau.

Sou de uma geração que teve a disciplina de língua francesa por ocasião do curso ginasial. Era um ensino básico que certamente não dava para manter uma conversação no idioma, mas pelo menos estabelecia noções corretas das pronúncias das palavras.

Lembro-me com saudades do professor de francês da escola Cândido Mariano, de Aquidauana, o farmacêutico Timóteo Rostey. Meu velho professor ficaria com certeza escandalizado e até ruborizado com essa pronúncia deturpada do nome deste Distrito, Taunay, ouvidas freqüentemente nos noticiários radiofônicos e agora também na televisão.

Aliás, tem sido tão divulgada pelos meios de comunicação essa pronúncia



VISCONDE DE TAUNAY: Autor de ‘Inocência’ e ‘Retirada da Laguna’ – obras proeminentes da literatura sul-mato-grossense

incorreta que alguns juram que os errados são os que falam “Toné”, justificando que falam corretamente porque pronunciam conforme está escrito...

Um conhecimento básico de francês bem que seria interessante para nossos estudantes de agora. Serviria pelo menos para uma cultura geral. E, de um modo especial, para os responsáveis pela difusão das comunicações.

Desse modo não cometeriam um desapareço pelo literato que escreveu, localizando, no cenário das terras sul-mato-grossenses, o romance imortal de “Inocência” e também a tragédia histórica da “Retirada da Laguna”.

Nunca é demais realçar que a “Retirada da Laguna” deveria fazer parte

“

O grande escritor Alfredo Maria Adriano Escragnolle Taunay, o famoso Visconde de Taunay, protagonista da Retirada da Laguna, é homenageado com seu nome neste distrito de Aquidauana”

do conhecimento histórico de todos os que habitam este Estado, tal o significado dessa epopeia para o sentido de brasilidade e comportamento humano.

Taunay deveria ser exaltado como nosso primeiro e grande escritor sul-mato-grossense.

Nunca: “Ta-u-nay”. Sempre: “Taunay” (Toné).

Antônio Gomes – um Presidente que honrou as ‘cores comercialinas’

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO – presidente da ASL

Antônio Gomes, que carinhosamente também atende pelo apelido de Toninho, considerado um dos mais dedicados presidentes do E. C. Comercial de Campo Grande, nasceu no dia 25 de novembro de 1935, na verdejante Birigui, cidade do vasto e rico estado de São Paulo.

Aos 12 anos mudou-se para Mirandópolis (SP), onde permaneceu até os 16 anos. Aprendeu a ler e a escrever no Grupo Escolar de Birigui. Em Mirandópolis, fez o curso ginasial e a partir daí trocou o trabalho pelos estudos. Empregou-se como balconista na “Casas de Calçados Vermelhas” e, ativo, dedicado e atencioso, não demorou muito a ser convidado para ser subgerente das “Casas de Calçados Jaraguá”, da cidade de Franca (SP).

Em 1954, aos 19 anos, apresentou-se para servir ao Exército, sendo designado para assentar praça no Quartel General da 4ª DC (Divisão de Cavalaria) na cidade de Campo Grande (MT, hoje MS). Aos três meses foi promovido a cabo. No ano de 1955, pediu

baixa no Quartel e, convidado, empregou-se como balconista nas famosas Lojas Pernambucanas. Um ano depois, assumiu a gerência das Casas do Linho Puro, situada na Rua D. Aquino, onde, brilhantemente, gerenciou a progressista loja por nove anos. Nesse interm, bem situado financeiramente, casou-se com a bela campo-grandense Ilda, advinda dessa união os filhos Renato, Marines e Mariângela.

O ano de 1965 pegou Toninho administrando suas duas lojas: Itamarati e a Sensação Modas. Percebendo que as lojas não correspondiam ao lucro desejado, vendeu-as e foi trabalhar, em 1968, na Expansão de Vendas de Aparelhos de Televisão, de propriedade da TV Morena. O projeto deu certo. Toninho foi responsável pela venda de milhares de aparelhos no Estado de Mato Grosso do Sul. Ali permaneceu até o ano de 1972. De 1972 a 1975, ganhou um bom dinheiro como representante comercial da “Comercial Máquina São Paulo”, cuja sede era em Campo Grande. A sua grande arrancada financeira se deu no ano de 1976 quando, acertadamente, entrou no ramo

imobiliário, criando sua própria empresa a “Aplik Imóveis”.

Toninho não sabe explicar como apaixonou-se pelo E. C. Comercial de Campo Grande, entretanto historia que, no ano de 1977, passou a fazer parte da diretoria do “Vermelhinho da Vila Olímpia”, como conselheiro, na gestão do Dr. Eloy Pereira, época em que o E. C. Comercial profissionalizou-se.

De 1978 a 1984, convidado, aceitou colaborar com o clube dirigindo o departamento financeiro comercialino. A maior glória de Toninho, como dirigente esportivo, ocorreu no ano de 1985 quando, com méritos, foi eleito presidente do E. C. Comercial sendo, nesse ano, vencedor do Campeonato Sul-Mato-Grossense de Futebol. Os jogadores o adoravam.

Como Presidente, Antônio Gomes, o querido Toninho, nunca atrasou os salários dos jogadores, nunca faltou nos treinos dos atletas e acompanhava o dia-a-dia do clube e de todos os funcionários.

Quando deixou de ser presidente, Toninho, sempre apaixonado, colocou-se à disposição do E. C. Comercial, assistindo a todos os seus jogos.

Atualmente, Toninho continua tendo sucesso com sua loja no ramo imobiliário e acompanhando o destino do seu querido E. C. Comercial da cidade de Campo Grande – a linda capital de Mato Grosso do Sul.

POESIAS

DIVAGAÇÕES E AUTODEFESA DO INSTINTO

graças ao cruel destino
dos desejos
ocultos em pomposos véus
o delírio dominador das aparências
perde-se em seus estribilhos
fora dos brilhos...

lúcidas ações
não somente advertem alucinações
sob o miserável tapete
das divindades
de inverdades...

a caricatura do ilusório
não resiste eternamente
[pois é de ante-espelhos
que se nutre...]

do aniquilamento
o outro
- o crédulo instinto -
liberta-se do inestético
desmaterializa-se
e devora o abutre...

paralelamente
em coléricos ornatos
desunindo-se da cicuta
a cauda açoita a serpente.

RUBENIO MARCELO

SABEDORIA

Homens do meu tempo
Mergulha em teu fluir
Reflete a doçura da paz
Contigo mesmo
Vencendo as paixões

Apraz-te em saberes
Que a ilusão navega
Entre a realidade e as quimeras
Mistérios ficções e lendas
Verdadeiro é tua ligação
Quando o eterno é o pai da beleza

Silenciar diante dos segredos
Revitalizar tuas virtudes
Construindo um mundo melhor
A palavra proferida é encantada
Dentro do coração puro

Vivifica tuas ações
No jardim das coisas simples
Sentirás o aromam do bem fazer
Nas flores da existência

Deste universo que construímos
Eternamente sabemos que não se faz sozinho
beleza vivificada
A natureza te devolve às frutas
De grãos semeados
Se partilhar de uma grande construção
Não abandones o caminho da eternidade
Retornarás na velha estrada consagrada
De homens simples comprometidos
Com a verdade exposta
Luz justa e perfeita
Do grande Mestre dos mestres

GUIMARÃES ROCHA

CINCO SÉCULOS DE BRASIL

Já se foram mais de 500 anos de acertos e erros, de glórias e decepções, para um povo que ainda sonha com um país melhor, com mais respeito mútuo, mais humanidade, mais liberdade, menos violência, mais justiça social.

GERALDO RAMON PEREIRA

Antes de mais nada, convindo-os, irmãos e irmãos brasileiros, para um breve passeio retrospectivo pela história do nosso país, marcada, desde o seu início, por fatos tão grandiosos e interessantes quanto às vezes lamentáveis...

Quando Cabral aqui aportou, casualmente (?), no dia 22 de abril de 1500, encontrou uma terra virgem, habitada por uma gente livre, dona absoluta das imensidões sem fim. E aquela vida gostosa, sossegada, sem malícia até na nudez de homens e mulheres, vê-se de repente a sentir o choque de civilizações de além-mar, que começam

a lhes impor hábitos e costumes estranhos, maculando-lhes os próprios, chegando ao cúmulo de tentar convencê-los da falsidade de suas crenças e tradições. De vez que, se tão felizes eram eles acreditando na Lua ou no Sol, adorando o que fosse - e sempre eram atendidos, pois ao Deus real não importa o caminho pelo qual o buscamos - se tão felizes eram eles, não se fazia necessário dissuadi-los de seus sonhos e crendices milenares... Mas o homem “branco”, com seu egoísmo, com seu espírito possessivo e dominador, não hesitou em fazê-lo.

Como também não titubearam os invasores, valendo-se da ingenuidade dos nativos, em extorquir-lhes ouro, prata e pedras preciosas, a troco de enganosas bugiangas. Assim como, aos poucos, foram iniciando o processo de destruição da natureza, chegando ao ponto de exportarem, sem a devida reposição, enorme quantidade do legendário pau-brasil. Era o início da descomedida exploração do homem pelo homem e da própria terra brasileira. Atacados, porém sempre lutando desesperadamente por seu chão natal e por sua gente, os gentios chegavam

a ser dizimados pelos inclementes colonizadores e os sobreviventes, a título do cultivo das novas terras, escravizados por eles - o mais mesquinho e imperdoável dos gestos dos que se dizem humanos.

Mais tarde, desistindo da submissão dos rebeldes indígenas, partiu-se para a escravização dos negros africanos, que eram drasticamente arrancados do seio de suas famílias... de suas pátrias... de seu continente... e, como verdadeiros bichos, transportados em porões de navios nauseabundos para o mais dorido dos exílios - “sem ar, sem luz, sem razão!” - como bem decantara o “Poeta dos Escravos” - Castro Alves.

Lembremos ainda as invasões de outros povos, como franceses, holandeses e espanhóis, que custaram muita luta e sangue derramado para a expulsão, mas que, no entanto, de algum modo ajudaram a desenvolver na alma dos primeiros colonizadores e de seus descendentes o germen do amor possessivo à terra, o espírito de patriotismo, o senso, enfim, do que é ser brasileiro, cujo maior desfecho fora o Grito da Independência.

Para concluir estes breves e aleatórios lampejos históricos, recordemos,

enfim, das próprias lutas internas, entre irmãos de ideologias diferentes, verdadeiras guerras que se fizeram necessárias para a estruturação e definição do território e do sistema político de nosso país... País cujas fronteiras foram alargadas e estabelecidas graças à bravura de intrépidos brasileiros, como os destemidos Bandeirantes e tantos outros anônimos aventureiros...

Gente, se nosso país se fez assim, à custa de sorte (o Brasil teria sido descoberto por acaso); à custa de sacrifício de civilizações indefesas (os índios e os negros foram as maiores vítimas); à custa de guerras internas e contra invasores; enfim, à custa de tanta batalha, tanto labor, tanta disputa, tanta concorrência internacional... Por que, então, logo agora, tanta falta de civismo, tanta sem-vergonhice, tanta corrupção, tanta falcatura, enfim tanta CPI? Para que fazer-se pensar que político é sinônimo de ladrão? Há necessidade de um policial confundir-se com marginal? Ser negro e ser pobre é o mesmo que ser gatuno ou traficante? Ser índio é não ter direito à terra? Sem-terra precisa comportar-se como revolucionário e invasor? Carece que um juiz seja o

infiel da balança? Para que tanta injustiça social? Para que se envergonhar de ser brasileiro?

Ser brasileiro!... Ser brasileiro é ser negro, é ser branco, é ser amarelo, é ser índio... É ser essa mistura maravilhosa, é ser Castro Alves, é ser Operário, Machado de Assis, Rondon, Rui Barbosa, Trabalhador Rural, Ayrton Senna, Zumbi, Osvaldo Cruz, Chiquinha Gonzaga, Garrincha... Oh! Mané Garrincha! Desça daí e venha nos ensinar a driblar as falhas e erros dos nossos governantes! Pelé, nos ensine a marcar o gol da decência, da honestidade, da igualdade entre os homens, da justiça social!...

Bem que os 500 anos do Brasil poderiam ter tido uma comemoração mais alegre. Que pena! Um país tão bonito com tantos filhos ingratos... Mas ainda existem homens e mulheres patriotas e honestos que hão de mudar o nosso destino... Resta-nos esta esperança. Quem sabe assim o argalismo “5” dos quinhentos anos não irá mais representar o caminho tortuoso por onde ora seguimos, nem os dois “zeros” (00) irão significar dois olhos arregalados e em pranto - de tanta vergonha... Vergonha nacional!